

CLÁUDIO SANTORO

Historias secretas

crônicas, contos e poesias

CULTURA



Edições
Governo do Estado

Copyright © Secretaria de Estado de Cultura, 2012

Coordenação Editorial
ANTÔNIO AUSIER RAMOS

Capa
ROBERTO LIMA

Projeto Gráfico e Diagramação
GRÁFICA ZILÓ LTDA

Revisão
SERGIO LUIZ PEREIRA

Normalização
EDIANA PALMA

Projeto Editorial - Versão Eletrônica
LUIZ FELIPE | KARLA COLARES

Catálogo da Fonte

S237h Santoro, Cláudio.

Histórias secretas – crônicas, contos e poesias. / Alunos
Escritores do Cláudio Santoro. – Manaus: Governo do Estado
do Amazonas – Secretaria de Estado de Cultura, 2012.
56p. ; 14x21cm.

ISBN 978-85-65409-23-0.

1. Crônicas. 2. Contos. 3. Poesia – Manaus. I. Título.

CDD 869.1
CDU: 82-94(811.3)

SUMÁRIO

Primeiras palavras

13

Apresentação

15

Síntese biográfica

17

A idade do coração

19

Meu amigo Billy

20

Essa timidez

22

Fim da minha amiga Jog

24

O aniversário

25

Onze de quê?

26

Excesso de peso

27

Mania de Deus

28

Alma Gêmea

29

Nem tudo o que reluz é ouro

30

O destino

31

Os Convites

32

As surpresas do cotidiano

33

O dia da carona

34

A viagem infinita

36

Lição de vida

37

Poesias

39

Poesias

39

Falsos

41

Pensamento diferente

42

Apelo onisciente

43

Povo Miscigenado

44



Folclore e Lendas

45

Felicidade

46

Poema de Vida e Morte

47

Poesia

48

Manaus, terra poética

50

Retrato

51

Manaus

52

Teatro

54

Zona verde

55



A IDADE DO CORAÇÃO

Marciza Dainy

– Vamos, tia, vamos, já está na hora.

– Acho que ainda é cedo – foi o que eu respondi ao meu sobrinho que estava ansioso para ir à nova escola. Até tentei revidar, mas quem é que pode com um menino de dez anos de idade? Então, fomos à escola.

Ao entrar na sala, só havia um garoto, afinal ainda faltava meia hora para o início da aula; fiquei por ali, esperando a professora, para falar com ela, enquanto isso, meu sobrinho e o garoto já faziam amizade; não demorou muito, e a sala já estava cheia. O barulho daquela turma, os gritos, o cheiro de bubaloo, as brincadeiras, o corre-corre, encheram-me de alegria.

Eu parecia sorrir com o vento, sentia até o cheiro da liberdade, e pouco a pouco a nostalgia se aprofundava mais em meu coração a ponto de achar que, quando somos crianças, não temos problemas. Mas as lembranças fizeram-me reformular esse velho conceito.

Naquele instante, veio a lembrança de um dia, no 3.º ano do Ensino Fundamental, conversando com uma amiguinha, eu dizia-lhe:

– Já faz algum tempo que Marcos não vem à escola.

– É verdade, será que ele está doente?

Naquele mesmo dia, Marcos entrou na sala acompanhado de uma senhora, cabeça baixa, olhos tristes e profundos. A sala inteira voltou-se para ele, a sua face parecia silenciar nossas vozes e os nossos corações. Sua mãe havia morrido e Marcos desistiria da escola naquele ano; quando o motivo da desistência foi dito à professora, ele chorou profundamente... em seguida, levantou a cabeça; eu não lembro o que foi feito ou dito daquele instante, só me lembro que ele fez olhar-nos e sorrir. Um sorriso, uma esperança. Como pôde sorrir? Seu coração jovem, seu coração infantil, esses o fizeram sorrir, seus sentidos ainda não calejados pela vida humana, pelas experiências de uma vida que um dia bela, e em outra, triste, essas coisas foram o que fizeram sorrir, e foi também o que eu concluí quando voltei ao tempo presente, e então reformulei minha opinião a respeito da infância. A visão que tenho dela, hoje, não é de uma fase sem problemas, mas de uma fase onde é fácil recomeçar. Dedicado: Às pessoas que não permitem que seus corações envelheçam, não que estejam imunes dos males humanos, mas porque são dotados de uma alma superior.

MEU AMIGO BILLY

Leidiane Souza

Ops!

– Quebrou o meu lápis, tenho de comprar outro imediatamente.

Com exatamente essa frase, começou uma nova fase da minha vida. Eu, Ricardo, não imaginava que um simples ato rotineiro acarretasse uma situação totalmente nova em minha vida.

– Minha primeira ação foi ir à papelaria da esquina. Ela era antiga com violetas nas janelas, havia uma prateleira enorme cheia de livros infantis e o que mais me encantava lá era a generosidade dos donos que permitiam que crianças ficassem lendo os livros e nem sequer faziam cara feia. Então, estava eu lá, não sabia por onde começar, foi quando vi um bonito lápis, todo colorido, com uma linda borracha azul na ponta. Fui totalmente seduzido por ele, parecia que ele me chamava e queria ser meu. Então, logo o comprei e não conseguia parar de olhá-lo. Depois de toda essa atração pelo meu novo lápis, voltei e dediquei-me ao meu trabalho.

Foi então que algo impressionante aconteceu. Fui atender o chamado de minha mãe. Quando voltei, percebi que todo o meu trabalho havia sido feito com bastante esmero. Minha reação foi de susto. Quem havia feito o meu trabalho? Perguntei à minha mãe e ela me disse que não sabia. Era um mistério. Só estávamos nós dois. Fiquei feliz, pois havia quem se preocupasse comigo, pensei que fosse um anjo, sei lá. Mas quando peguei aquele pequeno lápis na minha mão, percebi tudo o que estava acontecendo, senti algo estranho, como se ele tivesse superpoderes. Continuei a segurá-lo e veio-me a ideia de desenhar algo. Desenhei um lindo caderno de flores. Para minha surpresa, o caderno que eu desenhara tornara-se real, bem na minha frente, até me belisquei para ver se era verdade, e realmente era.

Daquele dia em diante, nunca mais nos separamos, nos tornamos os melhores amigos e batizei-o de Billy. Com ele, eu poderia fazer coisas maravilhosas, como manter a paz, eliminar do mundo a pobreza e a violência e dar vida nova às pessoas.

Nunca subestimei o poder e a capacidade dele de fazer o bem.

Algum tempo se passou, e eu comecei a utilizar os poderes do meu amigo em benefício próprio, foi quando ele se aborreceu e desabafou:

– Por que me usas desse jeito, não vês que é errado?

Fiquei bastante assustado. Tentei menosprezá-lo, não medi tamanho das ofensas e ambos trocamos palavras duras. Nesse instante, o lápis colorido tornou-se cinzento com aspecto totalmente sombrio.

Pedi desculpas, disse que minha intenção não era ofendê-lo e faria tudo para me redimir. Mas ele não respondia, nem dava esperança de que ainda existia qualquer magia ou um sinal de vida. Fiquei desesperado, sem saber o que fazer. Peguei-o em minhas mãos, apertei-o contra o meu peito e chorei como se tivesse matado alguém. Pensei: como pude fazer isso? É, realmente ele tinha razão, eu fui totalmente egoísta. Minhas lágrimas caíram sobre ele e aos poucos sua cor foi voltando à sua magia de novo, dentro de seu pequeno corpo magro.

Senti-me o garoto mais feliz do mundo, tomei-o em meus braços e disse:

– Nunca farei nada que possa te magoar, pois és o melhor amigo que eu já tive na minha vida e não quero perder-te. Profundamente emocionado, Billy declarou:

– Era isso que eu queria, gostaria que percebesse a verdadeira amizade, sem interesse algum.

A partir daí, juntos, fizemos muitas coisas que nem a mente mais fértil poderia imaginar. Desbravamos horizontes, fizemos o bem às pessoas. Mas depois de anos juntos o esperado aconteceu. Ele, feito de madeira, começou a desgastar-se, sua borracha não era mais a mesma, não apagava quase nada e, ao escrever com ele, tinha de tomar o maior cuidado, pois poderia quebrar meu melhor amigo. Foi então que, um dia, tive de sair e deixei-o em cima de uma bela almofada azul com pequenos bordados dourados, sem imaginar o fim que o esperava. Morto pela mão, ops! Desculpas! Pela boca de um bebê que visitara a minha casa. Naquele dia, encontrei apenas seus pedaços espalhados pelo chão e até na fralda da criança. Um crime hediondo. O assassino não poderia ir preso. O desespero tomou conta de mim, peguei o carro e fui a um lugar deserto e chorei muito...

Fiquei triste, mas me orgulho quando lembro de nossa amizade, ele foi um herói. Fiz uma sepultura improvisada. Coloquei seus pedacinhos no jarrinho de margaridas e uma placa que com a inscrição: Aqui jaz um lápis que viveu, amou, teve um amigo e coloriu meu mundo.

ESSA TIMIDEZ

Fernando Libório

Naiana e eu fazíamos o mesmo curso, curso esse de Língua Portuguesa. Ainda me lembro da primeira vez que a vi. Eu estava chegando ao sambódromo, onde funciona o curso, quando me deparei com ela, um pouco antes da entrada. Vinha com uma mochila vermelha nas costas, caderno nas mãos, bem vestida, óculos no rosto, enfim, toda linda, andando com passos largos, rápidos, com ar de quem pudesse estar atrasada, pensei: Que bom seria se essa garota fosse para onde estou indo. Retardei meus passos, a fim de que ela me alcançasse e logo estava ali, a meu lado, e eu deslumbrado com sua beleza, fiquei a admirá-la. Tentei perguntar algo, na intenção de puxar conversa, no entanto minha timidez não permitiu tal proeza. Então o que coube a mim foi simplesmente observá-la e verificar em qual bloco ela entraria, para, quem sabe, mais tarde ou outro dia talvez, eu pudesse revê-la e de longe matar a minha saudade repentina.

Para minha surpresa e imensa alegria, ela seguiu em frente, sempre à minha frente e sempre com passos largos e rápidos, e tão logo chegou ao lugar pretendido, justamente o mesmo lugar em que eu iria, o bloco E.

– Ah, que bom! Só falta um pouquinho. E lá estava ela, parada, olhando alguns papéis no mural. Virou-se e perguntou:

– Por favor, a sala de língua portuguesa onde fica?

E eu, apontando para a sala à minha frente, respondo:

– É esta. Você é aluna aqui?

– Sim – respondeu ela.

Entramos, e ali permanecemos à espera da professora. Eu fiquei calado, já ela conversava com outra aluna de classe, que, por sua vez, fazia um monte de pergunta a Naiana.

Não cansada de admirá-la, meus olhos já estavam direcionados a ela, e sem que ela percebesse, mudava de direção. Mas como eram teimosos esses meus olhos, não queriam me obedecer, não sabia mais o que fazer, quando então a professora chegou e pude controlar um pouquinho meu olhar.

– Que pena, a aula chegou ao fim! Será que ela vem na próxima aula? Será que pergunto a ela pelo menos seu nome?

Não. Minha timidez era mais forte, nada fiz, além de vê-la indo embora. Em alguns trechos no caminho até a parada de ônibus, pude acompa-

nhá-la e, mesmo assim, sequer perguntei o seu nome. Fui para um lado, ela para o outro e a dúvida crescia a cada passo dado.

– Será que a verei outra vez? E nisso fui para casa, dizendo a mim mesmo: na próxima aula farei uma aproximação.

Chegou o dia, outro e mais outro e, nada. Até que na aula do dia 17 de junho tive a chande que pedi a Deus. Ao término daquela, ela dirigiu-se a mim e disse:

– Você passa pelo shopping?

– Sim, passo.

– Ok!

Então saímos em direção ao shopping, conversamos sobre vestibular, mostrei-lhe meus desenhos, fiz perguntas sem importância, na esperança de que a coragem deixasse-me pelo menos fazer um elogio à sua beleza.

A coragem não veio. Então me restou conversar sobre qualquer coisa, menos o que eu realmente queria, só para ter sua companhia e estar a seu lado, nem que fosse pra ficar só olhando. Talvez aquilo já seria o suficiente para mim.

Já estávamos no final do nosso percurso. Teríamos ali de nos sepearar, pois ela havia ainda de pegar ônibus e eu seguiria em frente, minha casa ficava perto dali. Ainda parei junto dela, na tentativa de mais uma vez falar-lhe o que queria, no entanto tudo o que consegui dizer foi:

– Bom, Naiana, minha casa é aqui perto, vou indo. Tchau.

Segui em frente, mas olhando para trás, querendo vê-la até o último instante. E como uma vontade enorme de voltar a seu encontro e desabafar de uma vez por todas:

– Naiana, estou gostando de você. Mas não. Outra vez, fiquei só na vontade, arrependido por não ter falado e tentando encontrar coragem. Quem sabe na próxima aula, falarei tudo que eu tenho guardado no meu coração...



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**